

## CINEMA, CIDADE E ARQUITETURA: PELOTAS/RS

NATÁLIA TORALLES DOS SANTOS BRAGA<sup>1</sup>; CELIA HELENA CASTRO  
GONSALES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – nataliatsbraga@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – celia.gonsales@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O final do século XIX e início do século XX marcou um movimento rumo ao mundo moderno. O advento da ciência moderna, da técnica, da racionalização dos meios de produção foram argumentos instaurados nessa virada de século. As cidades passavam por reformas nas suas infraestruturas e os meios artísticos apresentavam avanços significativos nos estudos da fotografia em movimento, surgindo assim, o cinema.

A cidade de Pelotas, inserida neste contexto do novo século, representou o centro de uma região produtiva e atuante nos fluxos internacionais de circulação de capital. As medidas urbanísticas adotadas neste período indicavam que, nas primeiras décadas do século XX, mesmo no extremo sul do Rio Grande do Sul, era possível visualizar elementos da modernidade urbana que haviam sido implantados nos grandes centros mundiais (SOARES, 2001). O cinema movimentava a cidade junto com a energia elétrica, utilizada na iluminação pública, nos bondes de transporte coletivo e nas unidades industriais. Foi através da energia fornecida pelo gerador do Moinho Pelotense que, em 1901, o cinematógrafo Grand Prix virou atração no Sete de Abril por várias noites (SANTOS, 2014). Nos anos de 1910, Pelotas marcou o início de um importante ciclo de produção cinematográfica nacional, despertando o interesse pela produção de longas-metragens de ficção no cinema gaúcho (TOMAIM, 2010). Assim, o cinema foi um marco importante na representação e na consolidação da modernidade na cidade pelotense.

Este estudo consiste na primeira etapa de uma dissertação de mestrado que busca cruzar os campos social/cultural/urbano com o disciplinar/arquitetônico, com o fim de averiguar seu papel na evolução urbana de Pelotas dentro do contexto de uma cidade interiorana – porém cosmopolita – que buscava se modernizar. A etapa que será apresentada no trabalho em questão consiste na análise da inserção das salas de cinema no espaço urbano da cidade.

A partir do objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: 1) averiguar a relação da popularização da construção das salas de cinema com o advento da produção cinematográfica na cidade e, 2) relacionar as salas com a evolução e modernização da cidade. A etapa subsequente da pesquisa trata da realização de um estudo tipológico e estilístico da arquitetura das salas de cinema, buscando entender a evolução desse tipo arquitetônico.

### 2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos são: 1) Construir um referencial teórico sobre a relação de cinema e modernidade e assim relacionar a construção das salas de cinema com o advento da produção cinematográfica na cidade; 2) Coletar informações referentes às salas de cinema de Pelotas e assim investigar o período de

inauguração desses espaços, a linguagem arquitetônica utilizada e a inserção dessas edificações na malha urbana.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram agrupados em duas partes: 1) Cinema: arte, entretenimento e arquitetura na cidade moderna (referente ao capítulo 01 da qualificação); 2) O Cinema em Pelotas (referente ao capítulo 02 da qualificação).

#### 3.1 Cinema: arte, entretenimento e arquitetura na cidade moderna

A respeito dos estudos fotográficos mencionados anteriormente, destacam-se as pesquisas de Eadweard James Muybridge, Pierre Jules César Janssen e Étienne-Jules Marey. Este último, em 1881, desenvolveu um aparelho que registrava fases do movimento através de fotografias em sequência (SANZ, 2014). Porém, foram os irmãos August e Louis Lumière que criaram mecanismos aperfeiçoados para projetar as imagens em movimento em uma superfície. Foi no dia 28 de dezembro de 1895 – data considerada “nascimento” do cinema – que os irmãos Lumière apresentaram uma série de filmagens por meio do aparelho denominado “cinematógrafo” no subsolo do Grand Café, em Paris, para um público de 35 pessoas (CARVALHAES, 1975).

Esses aparelhos projetores popularizaram-se e passaram a ser exibidos em demonstrações nos círculos de cientistas ou em espetáculos vinculados a circos, parques de diversões, gabinetes de curiosidades ou espetáculos de variedades em diversos lugares no mundo (COSTA, 2012). Nos Estados Unidos, as imagens em movimento eram apresentadas em salas de espetáculos chamadas de *vaudevilles*, espaços nos quais se podia beber e conversar (SHOCKLEY, 1994).

Segundo Costa (2012), em 1905, com o surgimento das distribuidoras de filmes nos Estados Unidos, os empresários envolvidos no ramo passaram a comprar, alugar e distribuir os filmes, aumentando a disponibilidade e diminuindo os custos das exibições. Assim surgiram os *nickelodeons*, espaços populares de entretenimento com custo baixo de entrada, onde o público focado eram as massas no país norte-americano (SHOCKLEY, 1994). A necessidade de investir neste novo mercado do entretenimento em ascensão, resultou em novas formas de regularizar o funcionamento desses espaços. Em virtude disso, a partir dos anos de 1910, a exibição de filmes passou a ser dominada pelos enormes e luxuosos palácios do cinema.

O Regent Theater – considerado o primeiro palácio cinematográfico construído – marcou a transição que conduzia o público dos *nickelodeons* para as grandiosas casas de espetáculos. Projetado por Thomas W. Lamb (1871-1942) e inaugurado em 1913, o cinema contava com mais de 1800 assentos e ficava localizado no bairro do Harlem, na cidade de Nova York, conhecido pelo caráter cultural e comercial (SHOCKLEY, 1994). Este foi o primeiro local onde as “apresentações” cinematográficas puderam competir com os outros espetáculos tradicionais como os teatros e as óperas (RAMIREZ, 1995).

No Brasil, a partir de 1896, tantos as projeções quando a abertura de salas fixas de cinema se popularizaram. Em 1907, o cinema já era apreciado pelos brasileiros e foi noticiada a instalação de mais de vinte cinematógrafos nos mais variados espaços de entretenimento do Rio de Janeiro, destacando a distribuição regular de eletricidade como um fator fundamental para o desenvolvimento do cinema no país (SOUZA, 2007). Zanella (2006) afirma que o cinema chega a Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em novembro de 1896 e que, somente no ano de 1908 foi inaugurada a primeira sala de projeção fixa da cidade: o Recreio Ideal.

### 3.2 O cinema em Pelotas

O setor comercial pelotense – marcado por prósperas atividades econômicas – tinha no ramo das diversões públicas o “cinematógrafo” como seu mote principal nas primeiras décadas do século XX (CALDAS e SANTOS, 1994). O cinema movimentava a cidade junto com a energia elétrica, utilizada na iluminação pública, nos bondes de transporte coletivo e nas unidades industriais. A primeira projeção de cinema na cidade de Pelotas aconteceu em novembro de 1896 no salão da Bibliotheca Pública Pelotense e em abril de 1904 foram filmados os primeiros planos da cidade (SANTOS, 2014).

No ano de 1913, Francisco Santos, em parceria com Francisco Xavier, alugou uma edificação onde funcionaria uma fábrica de fitas (SANTOS e CALDAS, 1995). Dessa parceria, teve origem a Guarany Films, empresa que realizou coberturas de evento e empreendeu na produção de fitas artísticas como: O Beijo, Maldito Algoz, Os Óculos do Vovô e O Crime dos Banhados. Esse período marcou um dos mais importantes ciclos regionais de cinema. (SANTOS, 2014).

Como o novo lazer revelou-se um negócio extremamente lucrativo, as dificuldades de acomodação e de infraestrutura dos espaços limitavam os rendimentos dos exibidores. O teatro Sete de Abril, neste caso, era o espaço com melhores acomodações, incluindo a projeção de imagens na sua programação. A primeira sala exclusiva para projeção foi inaugurada em Pelotas em agosto de 1909, o Éden Salão (SANTOS, 2014). A partir da primeira década do século XX, a sociedade se modernizava e a cidade assumia um caráter mais cosmopolita, o que resultou na construção de oito cinemas, três teatros, um cassino, quatro bancos e um hotel de luxo (MOURA, 1998).

Outros cinemas – dos quais esta investigação procura adquirir informações – como o Parisiense (1910), Coliseu (1910), Polytheama (1910), Cinema Popular (1911), Cinema Caixeiral (1911), Eldorado (1912), Recreio Ideal (1912), Ideal Concerto (1912), que também teve o nome de Ponto Chic e de Arco-Íris, compõem o cenário urbano da segunda década do século XX. Com a eclosão da primeira guerra mundial, no ano de 1914, e com a consolidação da hegemonia dos norteamericanos no mercado produtor cinematográfico, o comércio exibidor pelotense também procurou atender à nova demanda de público com a abertura de salas mais amplas e tecnicamente mais desenvolvidas (XAVIER, 2013).

No ano de 1915 inaugurou-se o Cinema Gaúcho e em 1916, o Cinema Universal. Em 1920, na região do Capão Leão, foi inaugurado o Guarany. A parceria Santos e Xavier também promoveu a construção de três salas de cinema em Pelotas: o Apolo (1925), o Avenida (1927) e o Capitólio (1928). Na década seguinte, em 1938, foi inaugurado o Cinema São Rafael e, nas duas décadas seguintes foram inaugurados: o Cine Fragata (1949), o Cine Esmeralda (1954) e o Cine América (1956). Nos anos de 1960, inauguram-se os cinemas: Cine-Rádio Pelotense (1962), Tabajara (1963), Rei (1967) e o Garibaldi (1968).

Pelotas, ao longo do século XX chegou a contar com mais de três dezenas de cinemas, alguns acomodando mais de mil pessoas por sessão (SANTOS, 2014). No começo da década de 1930 a cidade possuía mais de dez salas exibidoras e até os anos 1960 a cidade praticamente triplicou esse número, contando com 33 salas de projeção funcionando de forma concomitante ou não (CUNHA, 2017).

## 4. CONCLUSÕES

O cinema esteve presente na cidade de Pelotas bem no período em que essa cidade se modernizava. O que levantou o questionamento se o cinema representou

essa modernidade ou se foi uma consequência dela. Após o desenvolvimento desta etapa do estudo, soube-se que a produção cinematográfica pelotense foi pioneira – principalmente no cinema ficcional e documental – no início do século XX, e que esse fato coincidiu com a abertura de muitas salas de projeção na cidade. Com a popularização da nova arte e sua comercialização, surgiu a necessidade de novos espaços exibidores. Com isso, foram inauguradas diversas salas que apresentavam uma riqueza tipológica decorrente de uma arquitetura emergente, fruto de uma sociedade que se modernizava.

Em vista disso, foi possível construir uma base teórica para que a etapa subsequente da pesquisa seja iniciada: um estudo tipológico e estilístico da arquitetura das salas de cinema de Pelotas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDAS, Pedro Henrique; SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **Guarany - o grande teatro de Pelotas**. Pelotas: Semeador, 1994.
- CARVALHAES, A. C. **Curso Básico de História do Cinema**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado: Clube de Cinema de Porto Alegre, 1975.
- COSTA, Flávia Cesarino. **História do Cinema Mundial**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Coleção Campo imagético).
- CUNHA, João Manuel dos Santos. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2017.
- MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim; SCHLEE. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. Pelotas: Pal Iotti, 1998.
- RAMIREZ, Juan Antonio. **La Arquitectura en el Cine: Hollywood, la Edad de Oro**. Madrid: Hermann Blume, 1986.
- SANTOS, Yolanda Lhullier dos; CALDAS, Pedro Henrique. **Francisco Santos: pioneiro no cinema do Brasil**. Pelotas: Semeador, 1995.
- SANTOS, Klécio. O Reino Das Sombras Palcos, Salões E O Cinema Em Pelotas (1896-1970). In: **Almanaque do Bicentenário de Pelotas. v.2: Arte e Cultura**. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2014, v. 2.
- SANZ, Cláudia Linhares. Entre o tempo perdido e o instante: cronofotografia, ciência e temporalidade moderna. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 9, p. 443–462, 2014.
- SHOCKLEY, Jay. Regent Theater (now First Corinthian Baptist Church). **Landmarks Preservation Commission. Designation List 257. LP-1841. Historic Preservation Grants from LPC**, 1994.
- SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Modernidade Urbana e Dominação da Natureza: o Saneamento de Pelotas nas Primeiras Décadas do Século XX. **História em Revista**, v. 7, n. 7, 2001.
- SOUZA, Carlos Roberto de. Os Pioneiros do Cinema Brasileiro: Raízes do cinema brasileiro. **Alceu**, v. 8, n. 15, p. 20–37, 2007.
- TOMAIM, Cássio dos Santos. Por uma memória o cinema documentário no Rio Grande Do Sul: desafios para uma nova historiografia do cinema brasileiro. **Intexto**, v. 2, n. 23, p. 103–119, 2010.
- XAVIER, Liângela. A pró-atividade de Francisco Santos. **Orson - Revista dos Cursos de Cinema do Cearte UFPEL**, v. 4, p. 19–27, 2013.
- ZANELLA, Cristiano. **The end: cinemas de calçada em Porto Alegre (1990-2005)**. Porto Alegre: Ideias a Granel, 2006.